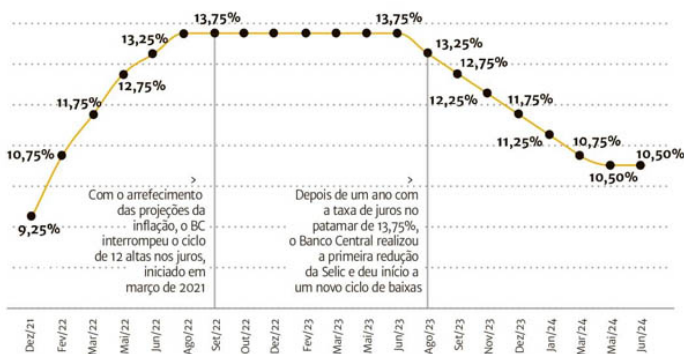


BC interrompe ciclo de redução do juro

A variação

Ciclo de queda do juro básico que começou em agosto de 2023 durou até junho deste ano



Fonte: BC

RAFAEL VIGNA
rafael.vigna@zerohora.com.br

Em decisão unânime, os nove integrantes do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) decidiram manter a taxa Selic em 10,50% ao ano. Entre os motivos para a interrupção do ciclo de cortes da taxa básica de juro, que começou em agosto do ano passado, estão riscos fiscais e pressões sobre a inflação e câmbio.

A unanimidade no colegiado significa que todos os diretores indicados por Luiz Inácio Lula da Silva votaram de forma diferente do que pensa o presidente da República. Nos últimos dias, Lula subiu o tom contra o presidente do BC, Roberto Campos Neto, e defendeu corte nos juros.

Entidades ligadas a setores produtivos manifestaram preocupação com a decisão. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), por exemplo, avaliou o movimento como "equivocado" e entende que haveria espaço para redução de 0,25 ponto percentual.

A Federação das Indústrias do RS (Fiergs) destacou, em nota, que houve grande deterioração das expectativas de inflação nos últimos 45 dias, em virtude de uma política fiscal menos austera, e à incerteza quanto à condução da política monetária no próximo ano.

Para a entidade, é necessário que as condições para retomar a redução dos juros sejam restabelecidas nos próximos meses.

O Copom destacou, em comunicado, que as conjunturas doméstica e internacional seguem mais incertas, exigindo maior cautela na condução da política monetária. E acrescentou que a decisão de manter a taxa em 10,50% "é compatível com a estratégia de convergência da inflação para o redor da meta ao longo do horizonte relevante, que inclui o ano de 2025".

No comunicado, o colegiado ressalta que a atual política monetária "deve se manter contractionista por tempo suficiente em patamar que consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas". Isso significa que não é vislumbrada a retomada de corte de juro.

Caminhos

Na avaliação de especialistas, existem dois caminhos possíveis pela frente. O mais provável e que também reúne a maior parte das apostas do mercado, diz o economista e professor da UFRGS Marcelo Portugal, é de que o nível atual seja mantido nos próximos quatro encontros do BC neste ano, marcados para julho, setembro, novembro e dezembro.

Até o final do ano, ou por mais alguns meses, pelo menos até que exista mudança que justifique alterar a taxa de juros para cima ou para baixo, a tendência é de que ela fique constante. Porque, honestamente, funcionaria para fazer a inflação ir para a meta em 2025, porque para este ano, o efeito da política monetária já é limitado - analisa Portugal.

O segundo cenário, conforme sustenta o economista-chefe da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), Antônio da Luz, indica que já existem elementos para "infelizmente, começar a se pensar em novas altas a partir de hoje". Ele explica que há seis semanas as expectativas de inflação para 2024 e 2025 aumentam.

— Sendo assim, o Copom precisa imediatamente interromper o ciclo de baixa (*do juro*) para evitar escalada maior (*da inflação*) em 2025 e 2026 - afirma, ao lembrar que "a ampliação da base monetária da economia cresce acima do equilíbrio macroeconômico".

— Traduzindo: isso é consequência dos desequilíbrios fiscais do governo federal, que têm sistematicamente gerado déficits elevados. Para piorar, trocou o teto pelo arcabouço fiscal, que já é uma regra tolerante com ampliação de gastos em termos reais, mas nem mesmo essa regra bem mais frouxa está sendo cumprida atualmente.